



**Agroecologia e a construção de Territorialidade: o caso da comunidade rural
Nossa Senhora da Guia, Cáceres, MT**
*Agroecology and the construction of Territoriality: the case of the rural community of
Nossa Senhora da Guia, Cáceres County, MT*

RODRIGUES, Luciene da Costa¹; NEVES, Sandra Mara Alves da Silva²;
SCHAFFRATH, Valter Roberto³; CORTELETE, Bruna Caroline Paspardelli⁴.

^{1,3}Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento-PPGMADE da Universidade Federal do Paraná-UFPR, lucyrodriques_bio@hotmail.com, valter.schaffrath@ifpr.edu.br; ²Programa de Pós-Graduação em Geografia-PPGGEO da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, ssneves@unemat.br; ⁴Bolsista de Iniciação Científica da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, bruna.paspardelli@hotmail.com.

Eixo temático: Terra, Território, Ancestralidade e Justiças ambientais

Resumo: A territorialidade é mais do que uma simples relação homem-território, de uma demarcação de terra, é uma relação social, entre os seres humanos. O objetivo deste estudo é compreender o desenvolvimento das práticas agroecológicas de uso e manejo da terra na construção de territorialidade na comunidade rural Nossa Senhora da Guia, Cáceres/MT. Realizou-se abordagem qualitativa (entrevistas) e observação participante. A análise dos dados permite compreender que: as roças e a pastagem estão inseridas no ambiente natural, o responsável por manejá-las diretamente é o homem. Mencionou-se 37 denominações locais de plantas, sendo a família Euphorbiaceae com maior número de variedades. Os agricultores praticam o sistema de pousio e utilizam ferramentas manuais para o manejo do espaço de plantio e colheita. Se orientam por sistemas lunares e condições climáticas para definir datas de plantio. Indicaram dois lugares para o armazenamento dos produtos advindo da roça e ferramentas manuais, o “paiol” e a “tulha”. Dessa forma, as técnicas empregadas pelos agricultores investigados favorecem o desenvolvimento de um sistema produtivo favorecendo a conservação do ambiente local.

Palavras-chave: (Re)existência de populações tradicionais; Saberes locais; Uso e manejo da terra.

Keywords: (Re)existence of traditional populations; Local knowledge; Land use and management.

Abstract: Territoriality is more than a simple man/territory relationship or a land demarcation process, it is a social relationship among human beings. The aim of the current study is to investigate the development of agroecological land-use and management practices in the construction of territoriality in the rural community of Nossa Senhora da Guia, Cáceres County (MT), based on a qualitative (interviews) and participant observation approach. Data analysis enabled understanding that small fields and pastures are inserted in the natural environment, as well as that men account for managing them. Thirty-seven (37) local plant species were mentioned. Family *Euphorbiaceae* recorded the largest number of varieties. Farmers adopt the fallow system and use manual tools to manage planting and harvesting sites. They define planting dates based on lunar systems and climatic conditions. Participants have indicated “granaries” and “barns” as the two places where they store hand tools and products from small fields. Techniques adopted by farmers participating in this study enable developing a productive system to favor local environment conservation.



Introdução

A territorialidade é mais do que uma simples relação homem-território, de uma demarcação de terra, é uma relação social, entre os seres humanos. Segundo Raffestin (1993: 160), a territorialidade é “um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema”.

Para Saquet (2009) a territorialidade é um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte do mesmo grupo social e de grupos distintos. Nas territorialidades, há continuidades e descontinuidades no tempo e no espaço; estas estão intimamente ligadas a cada lugar, dando-lhe identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar.

O espaço territorializado, delimitado e controlado pode ser entendido como um complexo ecológico com certas potencialidades de uso. A definição desses usos pode expressar a estratégia política-tecnocrática de manejo da territorialidade (SANTOS, 2009). Esse é o caso dos zoneamentos agroecológico e socioeconômico: são delimitações que visam o uso da terra de forma sustentável, segundo o paradigma da ciência agroecológica. Nesse contexto, a Agroecologia não se limita apenas aos processos técnicos, mas também com o empoderamento dos agricultores e com a (re)organização social e espacial no desenvolvimento de diferentes formas de uso e manejo da terra. Ao longo dos anos esta (re)organização se manifesta na construção de novas territorialidades, construção essa fundamentada em identidades simbólico-cultural e saberes locais.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo compreender o desenvolvimento das práticas agroecológicas de uso e manejo da terra na construção de territorialidade na comunidade rural Nossa Senhora da Guia, Cáceres/MT, identificando assim, suas funções sociocultural e ambiental dentro da base estrutural de população tradicional.

Metodologia

Realizou-se o estudo entre os anos de 2011, 2012 (coleta de dados) e 2017 (visitas periódicas) em cinco das treze propriedades que aceitaram participar da pesquisa. A comunidade rural Nossa Senhora da Guia está situada entre as coordenadas 15°54' a 15°57' Lat. S e 57°30' a 57°32' de Long. W, no município matogrossense de Cáceres. A área de estudo tem sua origem nas sesmarias, porém, com a divisão de terras pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), formaram-se diferentes comunidades. Após, o INCRA classificou a localidade investigada como Salobra Devoluto VIII - Área “C” (BRASIL, 1994).

Para a coleta de dados aplicou-se a abordagem qualitativa (LÜDKE e ANDRÉ, 1986). As entrevistas foram realizadas com auxílio de um formulário, com perguntas



abertas e fechadas (ALEXÍADES, 1996). E observação participante, baseado em Bernard (1998).

Resultados e Discussão

Diante ao desenvolvimento dos empreendimentos monoculturais no Estado matogrossense, várias formas de (re)existência tem surgido. As práticas de uso de manejo da terra são algumas das formas que as populações tradicionais encontraram para mobilizar a sociedade em prol da defesa do bioma Cerrado. Os agricultores pesquisados desenvolvem práticas de sistemas agrícolas firmados em padrões culturais baseados no passado colonial brasileiro, resultado de uma longa tradição agropecuária e uso racional dos recursos naturais do cerrado (AGUIAR, 2007; MENDES, 2005). Conhecimento este adquirido por meio de observação e experimentação na sua própria unidade de produção, a roça (denominação local para o espaço de plantio).

Esses saberes, em parte, podem estar relacionados com a origem dos agricultores (os nativos que estão na localidade há várias gerações) que se autodenominam como “morroquiano”. Este termo se caracteriza por apresentar dois aspectos: a comunidade apresenta cultura e costumes próprios (RODRIGUES, 2015) e também à região da área de estudo está inserida entre duas Serras: Poção e Chapadinha.

As roças das propriedades investigadas estão associadas com o ambiente natural, cujas espécies vegetais estão estabelecidas na paisagem local. Outro uso da terra integrado ao ambiente natural é a pastagem nativa, embora haja uma tendência de redução dessas áreas de pastagens no cerrado, em virtude da implantação de pastos cultivados. Nas propriedades estudadas os agricultores continuam mantendo o pasto nativo, pois é um manejo que apresenta baixo custo financeiro e contribui na conservação do bioma.

A organização espacial da roça é o resultado do presente, derivado de um passado, refletindo nas ações futuras. As roças das propriedades 1, 2, 4 e 5 quanto à sua localização, encontram-se situadas distante das moradias, o responsável para “cuidar” é o homem, algumas vezes a mulher, os filhos e os sobrinhos colaboram na fase de plantio. Na propriedade 3, a roça está associada ao quintal num único espaço. Nesta última propriedade o homem e a mulher “cuidam” desse ambiente, porém o homem assume maior responsabilidade no período de plantio e colheita.

Em relação às plantas cultivadas na roça, foram mencionadas 37 denominações, que correspondem a 13 espécies pertencentes a 8 famílias botânicas. A família Euphorbiaceae apresentou um número maior de etnovariedades, com 19 para mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), em seguida a família Musaceae com 6 para banana (*Musa paradisiaca* L.), 2 para feijão (*Phaseolus vulgaris* L.) e 10 para demais espécies como: cará (*Xanthosoma sagittifolium* (L.) Schott.), batata doce (*Ipomoea batatas* L.), maxixe (*Cucumis anguria* L.), abóbora (*Cucurbita* spp.), feijão guandú



(*Cajanus cajan* L.), feijão de porco (*Canavalia* sp.), quiabo (*Abelmoschus esculentus* (L.) Moench.), milho (*Zea mays* L.), arroz (*Oryza sativa* L.) e cana (*Saccharum officinarum* L.).

Os agricultores pesquisados adotam sistemas que visam conservar a vida da terra. Estes se preocupam não apenas com a produção, mas com a conservação e manutenção da microfauna local, além dos aspectos físico-químicos da terra. O sistema de pousio, cuja área de cultivo (roça) é utilizada por 6 a 8 anos para a efetivação do plantio e após permanece em “descanso” entre 15 a 18 anos. Nas propriedades investigadas os locais com menor declividade são considerados melhores para estabelecimento da roça, no entanto, esse pode ser um critério secundário, pois é comum a instalação de roça em terrenos com inclinação maior, principalmente naquelas que possuem solo fértil. Todavia, os agricultores não têm outra opção a não ser implantar suas roças em meio às serras, cujo solo apresenta baixa fertilidade.

A solução adotada para tentar reverter o quadro apresentado é a utilização de plantas da família Fabaceae, como o feijão guandu (*Cajanus cajan* L.) e o feijão de porco (*Canavalia* sp.), que são espécies cultivadas pelos agricultores com o objetivo de adubar o solo por meio da fixação biológica do nitrogênio realizada naturalmente pelas bactérias do Gênero *Rhizobium* nas raízes, na forma de adubação verde. Outro procedimento realizado é a incorporação de dejetos de animais (aves e bovinos) no solo.

O processo de limpeza da área, que antecede o manejo do solo e plantio, pode ser prolongado ao longo do ano por meio da capina ou ato de “carpir”, em que há o uso de ferramentas como a enxada e o facão. Para a execução das etapas de revolvimento do solo e o plantio há o uso também de enxadas e de cavadeiras. Assim como no cultivo, na colheita não são utilizadas máquinas agrícolas. As práticas tradicionais existentes na comunidade rural Nossa Senhora da Guia, são desenvolvidas de acordo com as condições ambientais, a exemplo da sazonalidade climática (período seco e chuvoso). No período da seca, entre os meses de maio a setembro, e da chuva, entre os meses de novembro a abril, segundo os agricultores são fatores decisivos para escolha dos meses de efetivação do plantio.

Os agricultores investigados utilizam a orientação por sistemas lunares para definir datas de plantio. Na lua nova, minguante e crescente (dos meses de outubro, novembro e janeiro), são efetuados o plantio da mandioca, batata e cará. Na lua crescente sem restrição do mês, é feito o plantio de hortaliças folhosas, como exemplo a cebolinha e salsinha. Na lua minguante do mês de fevereiro são realizados o plantio de feijão e arroz. Os agricultores creem que as fases lunares exercem influências diretas no desenvolvimento das plantas.

Quanto ao armazenamento dos produtos advindo da roça foram indicados dois lugares: o “paiol” (armazena o milho e as ferramentas manuais) e a “tulha” (usado para armazenar em especial o arroz e o feijão). A agricultura de base ecológica,



praticada por populações tradicionais é uma das possibilidades desenvolvidas para que ocorra a transformação do espaço agrícola e democratização dos recursos naturais.

Conclusão

O processo de uso e manejo adotado pelos agricultores pesquisados da comunidade rural Nossa Senhora da Guia pode ser considerado como um método sustentável por viabilizar cuidados com a biodiversidade local que ocorre por meio da contínua adaptação e enriquecimento via incorporações dos saberes locais da experiência vivida dos agricultores no ambiente manejado. As técnicas agroecológicas para manejar a terra constituem um conjunto de condutas de territorialidades que exprimem a (re)existência dos agricultores para que não haja a reterritorialização do espaço que constitui o local de morada e vida.

Referências bibliográficas

AGUIAR, M. V. A. **El aporte del conocimiento local para el desarrollo rural: un estudio de caso sobre el uso de la biodiversidad em dos comunidades campesinas tradicionales del estado de Mato Grosso – Brasil**. 2007. 915f. Tese (Doutorado em Agroecología), Universidade de Córdoba, Córdoba, 2007.

ALEXÍADES, M. **Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual**. New York: The New York Botanical Garden, 1996. 306p.

BERNARD, H. R. **Research methods in cultural anthropology**. Newbury Park: Sage publications, 1998. 519p.

BRASIL. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. **Diagnóstico Técnico**. Mato Grosso, 2004. 380p.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M, E, D, A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986, 99p.

MENDES, D. F. L. **O Fim do uso comum da Terra e suas implicações na Identidade Territorial de Comunidades Tradicionais: o caso do Taquaral e Nossa Senhora da Guia, Cáceres/MT**. 91f. 2005. Monografia (Graduação em Geografia), Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2005.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática. 1993. 269p.

RODRIGUES, L. C.; NEVES, R. J.; CARNIELLO, M. A.; SILVA, J. S. V. Caracterização sociocultural da região do taquaral: comunidade nossa senhora da guia, Cáceres/MT, Brasil. **Revista de Geografia**, v. 32, n. 3, p. 87-104, 2015.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



SANTOS, C. Território e territorialidade. **Revista Zona de Impacto**, v. 2, n. 11, p. 1-11, 2009.

SAQUET, M. A. Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. **Por uma abordagem territorial**. 1.ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009. 73-94p.